

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE
SARDOAL

||

SINAIS DOS TEMPOS?

Não é segredo para um grande número de pessoas, mesmo estranhas ao Concelho, que a nossa Misericórdia se tem visto enredada, nestes últimos tempos, num redemoinho de agitada turbulência, conduzida e manobrada do exterior — e se encontrou, por isso, na mira de focagem de múltiplos e díspares comentários. Chegam notícias, mesmo, de ter sido abocanhada na sua dignidade por certos núcleos contestatários e anarquistas, de recente formação, em cujas actuações parece haver subjacente um estrato embrionário de ideias radicalistas.

Mas, também, em feliz e natural contraponto, muito boa gente que ainda tem por norte a objectividade e o bom-senso, não se deixou subverter por essas paixões históricas e golpadas oportunistas e continua a manter firmemente, galhardamente, a mais respeitosa e intransigente veneração pela sua Santa Casa da Misericórdia.

Embora não constituindo simples ou mero caso anómalo, neste país de deslassadas consciências, uma triste realidade é a Misericórdia do Sardeal (tal como outras suas congéneres, aliás!) se vir debatendo, de há uns anos a esta parte, com grande carência de elementos que se disponham a trabalhar em prol desta comunidade assistencial, e queiram entregar-se, com abnegação e empenhamento, à generosa tarefa de prestar apoio aos vários sectores diferenciados em que se desdobra a sua acção de benfazer.

São tarefas que exigem, tão-somente, algo de doação pessoal, consciente e honesta, e se traduzem em algumas parcelas de trabalho, sacrifício e dedicação à causa dos necessitados e dos desprotegidos — as quais, porém, e como é óbvio, não são de modo algum remuneradas.

Seria criminoso, com efeito, tirar do pão dos pobres e dos necessitados que esta Casa protege, até aos limites máximos das suas possibilidades, o que fosse para "pagar" a quem tem fontes de receita e elementos de subsistência em outras ocupações cá fora!

Aquele espírito de trabalho e sacrifício, de amor ao Próximo, de ajuda (mesmo indirecta) aos necessitados e aos carecentes, vai-se estiolando em progressão acelerada neste Sardeal de hoje.

É triste dizê-lo, mas um comodismo preguiçoso e indolente, emparelhado com uma apetência exagerada para as modernidades da vida actual, levam muitas pessoas daqui a esquivarem-se a prestar auxílio em tarefas ou encargos que, de algum modo, lhes possam cercar a fruição plena de uma vivência cada vez mais comodista e aburguesada — e evitam, assim, tudo o que possa representar encargos ou limitações.

Talvez, por isso, e como já se deixou explanado em um dos últimos nos. deste BOLETIM, mesmo as próprias iniciativas de fomento e valorização da terra, em outras e diferentes áreas, ou não passaram do simples plano das hipóteses ou, nas raras vezes em que chegaram a corporizar-se, não vingaram, tendo-se extinguido a breve trecho.

O caso da Misericórdia, de que se vem falando, é mais um entre tantos a corroborarem tão indolente e nefasta passividade.

Com efeito, tem-se visto, por alturas das eleições preceituais para os diversos cargos da sua estrutura administrativa, que há sempre dificuldades imensas em se conseguir a aquiescência de nomes que queiram preencher esses lugares. E, como se isso não bastasse, já, tempos após começam as deserções em que alguns dos que acabaram por dar o aval dos seus nomes e uma garantia de prestabilidade, observando-se, então, o espectáculo caricato e pouco edificante de uns irem saindo logo após os outros, mesmo sem motivos ou razões plausíveis, apenas levados por mera camaradagem de pretensão (e servil!) companheirismo!

Há os que ficam, apesar de tudo, fiéis a um compromisso de que fizeram ponto de honra — e têm, assim, de suprir, com redobrado acréscimo de esforço, de trabalho, de dedicação, as diversas actividades deixadas ao abandono pelos que se esquivaram comodisticamente a serem úteis ao Próximo (apresentando justificações pouco consistentes ou, mesmo, sem nada dizerem, como se verificou em alguns casos).

Apenas cerca de 1/3 dos elementos estatutais tentam fazer o que competiria a bastantes outros, sacrificando, assim, muito das suas vidas pessoais e familiares, para que se mantenha em ordem e funcionamento uma Instituição que tem mil-e-uma problemas entre mãos, entre os quais logo avulta o da escassez de fundos, pois o ESTADO, além de subsidiar pouco e mal, fá-lo quase sempre fora de horas e, não raro, levantando impecilhos, contratemplos, dificuldades... curiosamente mais da alçada e responsabilidade dos serviços intermédios do que do próprio Poder Central!

SEMPRE AS MISERICÓRDIAS!

É da sua história e é do seu procedimento que as Misericórdias pratiquem as obras de Misericórdia todas, e mantenham e administrem, depois de terem sido deles possuidoras, a maior parte dos hospitais existentes no País, os vários recolhimentos e asilos (actualmente lares), as várias instituições a elas agregadas e as múltiplas e actuais modalidades de assistência — como à doença, à orfandade, à velhice, à criança, — que o Estado nestes últimos anos começou a praticar e vai pedindo às Misericórdias para o auxiliarem.

É nestes vários aspectos que os têm desde a sua fundação) que as Misericórdias têm várias características de beneficência muito diferentes das demais, muito próprias e muito especiais.

Bem observadas no seu conjunto e no imenso campo da sua benemerência, podemos afirmar, sem laivos de vaidade e de exibicionismo social, que não há instituição igual à nossa em parte alguma do mundo.

No início, as Misericórdias, tiveram as suas hesitações e dificuldades que pareciam não lhes dar futura consistência e desafogado porvir.

Mas, por força do destino ou verdadeiro sinal divino, apareceram benfeitores que lhes deram novo arranque e introduziram renovado e forte ânimo.

As dificuldades até podem vir, como já aconteceu nos nossos dias, de obcecados de mando, e às vezes, praticam a mesma fé e supõem respeitar os princípios sérios e eternos que deram origem às Misericórdias...

Assim procedendo cegamente, tornam-se os inconscientes destruidores do futuro das Misericórdias.

Mas Deus e os homens bons não permitirão que tal se repita.

E a Virgem das Misericórdias, sua padroeira estará vigilante!

Nunca chegaremos
a amar o suficiente
os nossos semelhantes.

UMA LITURJIA

COMPLICADO...

Decorria o ano de 1561. Já o Sardoal era Concelho há 30 anos, feitos.

Na Vila e seus termos, decerto que o viver seguia, naturalmente, tranquilo e calmo, pacata e sossegado, pois as crónicas do tempo não nos referem qualquer alteração, por mínima que fosse, na correnteza do seu quotidiano.

Porém, em esferas superiores do mando e para lá, talvez, do conhecimento directo da população, um desentendimento entre dois clérigos e suas facções partidárias, emergente de uma aparente quebra de certas etiquetas consuetudinárias, levantava animosidades e querelas e quase estabelecera atritos e fricções.

Por necessidade de espaço, o assunto resumir-se-á aos seus aspectos esquemáticos mais significativos.

Tinha acontecido que as autoridades religiosas da Diocese (cuja sede era, então, a Guarda) haviam nomeado como Vigário desta Vila um sacerdote culto e ilustre, que cursava Cânones em Roma (para onde se mandavam, geralmente, os mais bem dotados, para apurarem a sua formação), o qual, por seuturno, e como parece deduzir-se, teria também motivações pessoais a atrair para aqui. Chamava-se Diogo Pires.

No entanto, e paralelamente, um descendente dos Condes-Almeidas, de Abrantes, D. João de Almeida, pretendendo usar de uma prerrogativa atribuída a seus ascendentes, já tinha "apresentado" (=nomeado) um outro candidato para esta vaga, o Licenciado Pe. Manuel Maya.

Os dois pretendentes chocaram-se, então, em conflito aberto, convencidos cada qual da sua razão e a disputa veio a chegar ao conhecimento do próprio Rei (era D. Sebastião) que fez expedir uma admoestação para Roma, onde estava a estudar o Pe. Diogo Pires, a qual seguiu aos cuidados do nosso embaixador na Corte Pontifícia, o célebre Lourenço Pires de Távora.

Os dias passados recebi sua carta de V. A. por que me mandava chamar Diogo Pires clérigo português residente nesta Corte. Le sua parte lhe disse não devese entender nem molestar ao d.º Manuel maya sobre a vig.º do sardoal a qual degra fora apresentado por dom Jo.º de Almeida. a quem v. A. por aquella vez fizera mercê do padroado da dita vig.º. En mandey chamar o dito Diogo Pires e lhe li a carta de v. A. a qual elle como bom vasallo de v. A. q.º obedece até que v. A. fuisse informado de q.º na cidade neste caso babava: e por que elle pretende estar legitimam.º provido e não estar v. A. bem informado me peyto socorrer e pedir a v. A. se quisesse fazer mercê de mandar que este se referca se visse na mesa da consciencia. permitin.º a seus procuradores que aby requieriam sua justiça: e por que o dito Diogo Pires se chamou conuado e bom sacerdote e a este modo vive nesta corte parecendo a petição e requerimen.º justo e acerto e creio que a ambas as partes e a justiça de v. A. faria bem procederse por esta via, pela qual pego v. A. made breuza com breuidade ao que tenor justiça e não se demore al.º Hossa e vida e Real Estado de v. A. quando Carroca em sua seruiço de Roma ocriu de setembro M.º D.º 561

O HINO das MISERICORDIAS

HINO DAS MISERICORDIAS

Musical score for the hymn 'HINO DAS MISERICORDIAS'. It consists of six staves of music with lyrics in Portuguese. The lyrics include: '2 4 Misericórdias são san-ctas ca-sas bon-as pe-dam cham-as as pé de Cruz; Nunc de gremio que gremi-gem a-sas, pe-dam de as; gremi-flor am-de em sus. Mu-xa-ra-ri-oi-de-as! Lou-cis-glori-a is fidei do-na qe-ni-gim-lal! Glo-ri-a Pa-tris que per-fec-tus. Et ne-fan-tem-do-jung-re-una-de Pa-tri-gal.º'

A carta que juntamente se publica é uma fotocópia do original, e nela se pode ler que o Embaixador respondeu ao monarca com a maior li-sura e respeito -mas, curiosamente, nessa luta de interesses por esta Vigairaria, que chegara tão longe... o representante de Portugal junto do Vaticano parece deixar expressa uma clara predilecção sobre o candidato menos afecto ao Rei:

Leitura directa do original:

" Os dias passados recebi uma carta de Vossa Alteza por que mandava chamasse Diogo Pires, clérigo português residente nesta Corte, e de sua parte lhe dissesse que não devese entender (=hostilizar) nem molestar ao Licenciado Manuel Maya sobre a vigairaria do Sardoal à qual, dizia, fora apresentado por Dom João de Almeida, a quem Vossa Alteza por aquela vez fizera mercê do padroado da dita vigairaria. Eu mandei chamar o dito Diogo Pires e lhe li a carta de Vossa Alteza à qual, ele, como bom vassallo, disse que obedeceria até que V. Alteza fosse informado do que na verdade neste caso (se) passava. E, porque ele pretende estar legitimamente provido e não estar V. Alteza bem informado, me pediu escrevesse e pedisse a V. A. lhe quisesse fazer mercê de mandar que este seu negócio se visse na Mesa da Consciência, permitindo a seus procuradores que aí requieriam sua justiça. E, porque o dito Diogo Pires é homem honrado e bom sacerdote, e a este modo vive nesta Corte, parecendo a petição e requerimento justo o aceitei, e creio que a ambas as partes e à jurisdição de Vossa Alteza estará bem proceder-se por esta via, pela qual pego a V. Alteza mande prover com brevidade ao que tiver justiça. Nosso Senhor vida e real estado de Vossa Alteza guarde e acrescente em seu serviço. Em seu serviço de Roma, 28 Setembro 1561"

No OUTONO da VIDA...

Felizmente que o mundo começa a olhar para a pessoa idosa com ternura, com amor, com espírito de justiça e gratidão, e sobretudo como um Irmão mais velho, filho do mesmo Deus e com todos os direitos que Este mesmo Deus para eles reclama.

Nós queremos que compreendam o valor do nosso sofrimento, tantas vezes oculto, e que é necessário adivinhar... Não deixem que a esperança morra dentro de nós!

Não queremos ser um peso, não queremos ser tidos como alguém que está a mais...

As nossas vidas, hoje limitadas pela doença ou pela idade, ajudaram a preparar e a construir o mundo que sempre desejamos o melhor para quem nos sucedesse. Nós somos, no fundo, almas saudáveis, com sensibilidades apuradas pelas agruras da vida passada e, por esse motivo, mais aptas a compreender o sofrimento e as dores alheias. Quem sofrer, compreenderá melhor aquele que sofre!

Afastados das nossas casas e das nossas famílias por imperativos vários, esperamos dos estranhos que nos rodeiam, e que devem começar a fazer parte da nossa nova família, que nos ajudem, que nos protejam, que nos defendam - e que nos amem!

Nós queremos que as pessoas que nos prestam serviços e nos tratam não meçam o idoso pelo tempo do seu horário, nem pela medida do seu vencimento, mas, sim, exercitem simultaneamente os

sentimentos de piedade e de carinho nesses mesmos serviços que nos são dispensados.

O coração e a alma devem passar muito acima de tudo quanto é material.

Mas... a nossa experiência de vida e de dor deve ajudar-nos, também, a compreender as fadigas, as cansaças, as doenças, os momentos difíceis por que passam as pessoas a quem estamos entregues. Elas têm os seus problemas (quantas vezes bem grandes!) e é mister que nós os saibamos compreender como quisemos que tivessem compreendido os nossos. Essa é, também, uma especial obrigação que nos assiste!

Se alguém deve ser humano; se alguém se deve aperceber do sofrimento dos outros; se alguém quer ajudar, deve ser precisamente o idoso, porque ele já está formado na escola da Vida tormentosa, ele atingiu o caminho do seu calvário.

A pessoa idosa é, na sociedade, como que um profeta dum mundo melhor, que deseja ver diferente daquele que a sua experiência de vida suportou e aceitou; com mais ou menos coragem.

Nele existe o profundo desejo de que à sua volta tudo se sinta feliz!

Não esquecer, entretanto, que o idoso tem sede de afecto, de carinho, de compreensão, de apoio físico, humano, moral e espiritual. Ele não quer sentir a alma vazia de tudo isso, mas, bem cheia de Deus, de Infinito - embora muitos de les, às vezes, nem se apercebam que essa ansiedade de que os tortura é a necessidade que sentem do próprio Deus.

Como membros sofredores, somos a imagem de Cristo Sofredor. Abre-se, portanto, para nós um caminho de esperança, na peugada da dor que nos trouxe, em Cristo, a Redenção.

(Bol. Lar de Santa Cruz)

Delmira Cerejeira

MEDITAÇÃO

«A verdadeira riqueza de um homem é o bem que ele faz neste mundo.»

Sócrates (469 - 399 a.C.) - Filósofo grego.



NA MÃO DE DEUS

Durante o segundo semestre de 1985 foi Deus servido chamar à Sua presença os seguintes Irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Sardeal

João dos Santos
Maria Lourença
Analecto Fernandes

Para aqueles nossos Irmãos, nossos conterrâneos, que dormem agora o sono da paz, pedimos as orações de todos os nossos leitores.

Entretanto, e como é seu piedoso costume, a Misericórdia mandará celebrar missa de sufrágio pelos falecidos.

BAIRRO da MISERICORDIA

A Camara Municipal já iniciou as obras dos arruamentos no Bairro da Misericórdia com a colocação dos passeios, tendo-as suspenso a seguir. Mas, espera-se que prossigam dentro em breve.

SINAIS DOS TEMPOS?

(Cont. da pág. 2)

Aos poucos Irmãos-colaborantes e não-desertores vem a caber, em consequência, um trabalho multiplicado, que bem deveria ser repartido por uma equipa completa.

Mesmo assim, "do lado de fora" não deixam de se ouvir uns tantos contestatários, que barafustam e... ameaçam e, paralelamente, levantam quizílias, arregimentam prosélitos e propõem-se a actos de força!

Continuar trabalhando com denodo e afinco, dedicação e entusiasmo, em tão bela e nobilitante causa, não obstante todos esses entaves, obstáculos e perseguições, será, de certeza, um gesto de total entrega e amor ao PROXIMO. "Aquilo que fizerdes ao mais humilde e necessitado dos meus Irmãos, é a Mim que o fareis".

Esta é a palavra-chave do Senhor a ser vir-nos de pendão e estandarte, sob o qual depositamos confiadamente todos os nossos trabalhos, dificuldades - e esperanças!

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDEAL

Edição e Propriedade da Misericórdia de Sardeal - 2230 SARDEAL

Nº 30/82

Janeiro/Março de 1986

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Publicação mensal